

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

24 - MARÇO - 1947

Director: Guilherme P. da Rosa
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas
Rua do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO - 992

"MISS CINEMONDE," chegou a HOLLYWOOD

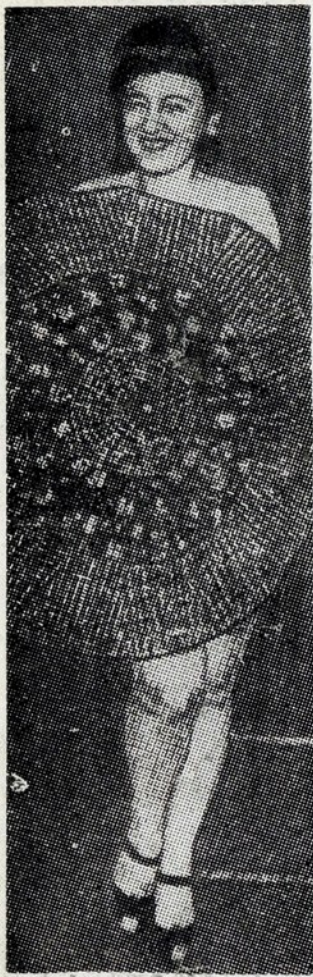
As andorinhas

AINDA mal se apercebiam os suaves murmúrios da Primavera, no borbulhar das seivas e na tímida florescência das pálidas amendoeiras, nas luminosas paisagens do Sul, chegaram as primeiras andorinhas com a sua alegre mensagem. Vieram de longe, de regresso aos ninhos, onde, todos os anos, celebram os seus amores, sob o nosso doce céu azul. Fazem essa grande viagem, das remotas paragens onde o Sol se oculta entre neblinas a uma velocidade fantástica que ultrapassa a dos automóveis e dos mais rápidos combóios. No seu vôo elegante, que deixa um sulco luminoso na transparência do céu, cortam o espaço à espantosa velocidade de 218 quilómetros, por hora. Poisam, às vezes, nas altas torres dos castelos encantados, nos campanários das igrejas silenciosas, nos faróis que guiam os marinheiros nas suas aventuras, ou nos fios dos telégrafos que transmitem ao Mundo alegrias e tristezas, mas logo recomeçam a viagem voando sempre nas serenas alturas, para virem poisar nas nossas varandas floridas. Aqui vêm celebrar as suas núpcias sob os beirais rendilhados, anunciando a alegria da Primavera.



A gentil francesinha Maud Lamy foi, aqui há tempo, eleita «Miss Cinémonde», num retumbante concurso efectuado em Paris. Se os nossos leitores têm boa memória, hão-de recordar-se da fisionomia de «mademoiselle» Maud Lamy e do seu nome, pois «O Século Ilustrado» fez-se eco do mundano e cinematográfico acontecimento.

Um dos grandes prémios concedidos a «Miss Cinémonde» era uma viagem a Hollywood e, naturalissimamente, um contrato para entrar num filme... Pois aqui têm a elegante e feliz parisiense já nos estúdios de Hollywood, ladeada pelos famosos «astros» do cinema, Bob Hope e Bing Crosby, que, por sinal, tem especial predilecção por chapéus que lhe ficam mesmo a matar...



JUBILO PRIMAVERIL

A famosa bailarina Sally Rand é, actualmente, o maior atractivo dos espectáculos de variedades, em Nova York. Cada uma das suas criações, bailados de exótica fantasia, é um êxito clamoroso; e, ainda há pouco, a «Dança oriental», em que se vislumbram as formas esculturais da deusa, por entre a plumagem aurifugente de dois grandes leques, foi celebrada pela critica como a sua mais bela interpretação da arte que transforma o bailado num espectáculo de pura emoção espiritual. Vê-mo-la na sua última criação, um gracioso bailado em que a formosa artista nos dá, simbolicamente, a sugestão da passagem das estações — do impertinente e desolador Inverno para a radiante alegria da Primavera cheia de sorrisos e de flores na jubilosa claridade de um eterno sonho.

CRIANÇAS NO ASFALTO

★ Por CONSIGLIERI SA PEREIRA ★

Os problemas do homem da rua têm multiplicidade de organismos de tese e antítese que os analisam sob todos os aspectos. Estreita analogia oferecem com os da mulher, principalmente a donzela moderna, aquela que serve sem distinções o próximo e até com ele concorre, esgotando-se, estimulando-se e vivendo as mesmas horas de desgaste e treino. Só resta por tratar a criança no asfalto — as mil e uma personalidadeszinhas em início de formação e a cujas energias e crises há o dever familiar e social de prestar a máxima solicitude.

As crianças formadas no asfalto, essa grande coelheira contemporânea, representam o ponto de divergência dos interesses, dos ritos religiosos, dos grandes conflitos da sociedade. A criança, embrionário ser, cuja sensibilidade herda, copia ou adapta os cenários exteriores da inteligência e da estética, é unanime, e nunca uniforme, no sentimento de justiça ou de injustiça. Esse ser embrão, despótico em tudo o que represente normas de beleza, colorido e variedade, tem a percepção nitidíssima deste ou daquele traço de injustiça, e principalmente da velha iniquidade feudal, perpétuada entre nós sob o estigma degradante da vilania e da violência.

A tarde, quando o Chiado zumba as suas últimas modas borbojeantes da Primavera, doi-nos a desigualdade, a desumandade, do trotar violento das donzelas lisboetas em pleno século XX, ao lado das crianças pequeninas alinhadas avidamente à margem desse rio escaldante de mocidade, beleza e amor. Hoje ainda terá muitos; outrora, era pior — e, então, surgiram os paladinos do ensino livre, a grande e popularíssima Angelina Vidal, a nobre e muito saudosa Ana de Castro Osório. Pois o grande povo da Lisboa dos nossos pais jamais olvidou o esforço exaustivo dessas duas senhoras. Ainda hoje, e em especial nas camadas pobres, abundam as pequenas gentes gratas a esse ensino modesto, mas leal e consolador.

Sem menoscabo, nem pensá-lo, de quantas outras senhoras têm multiplicado esforços e talentos, estes dois nomes permanecem na alma do povo, esse gigante mansarrão, compreensivo e por essência grato. As escalas de valores têm variado até o infinito e a gratidão pretenciosa mancha de imodéstia a era astrá em que se vive. Notemos, porém, que o culto da morte é o único que o lisboeta sempre mantém, tal como o seu semelhante amarelo de Nanaim ou de Xangai, e, nessa reminiscência oriental da religião, essencialmente funebre que é a de Cristo, meroulha a ruante raiz do operariado de Lisboa e dessa sua magnífica orgânica mortuária que «o Século» sempre estimulou.

Certo é no entanto, que as «casas-berços» saídas de tantos cataclismos hodiernos, repousam à sombra da já anticuada, ultrapassada reacionarizante simbologia da cruz e do martelo. Todo esse mundo rodou sobre si mesmo e esgotou-se na improbabilidade da divisão sideral. Agora, não dá surgir, das ruínas teutónicas da Europa gótica que sangra, os enobrecedores desse único esforço constante da História e, essencialmente, da lenda.

As crianças que povoam os asfaltos das metrópoles de hoje sentem-se advertidas entre si na asa grandiosa do futuro; aquecer-as o mesmo sol e comem o mesmo pão. Essa universalidade soberba, que hoje produz atletas desportivos, amanhã enquadrará sob o signo da mocidade o homem e a mulher que dessem viver e que não renunciaram a transpor os espaços vitais da geo-física, da geo-química e da geo-política. Para além, muito para além da luz ruilante de cada alvorada clamorosa de luz e frescura, há a presença de todos esses seres sensíveis, relutantes à extinção: as crianças do asfalto.

ENGANOU MEIO MUNDO... EXCEPTO A POLÍCIA

BARBARA Stanwyck, agora fazendo parte do elenco de vedetas da «Warner Bros», caiu das nuvens quando, depois de se levantar, deparou com uma notícia, num jornal, sobre um caso ocorrido num dos mais luxuosos hotéis de Nova York. Uma jovem, fazendo-se passar por ela, fez trinta por uma linha e, a tal ponto, que as suas tropelias tocaram as raias do escândalo.

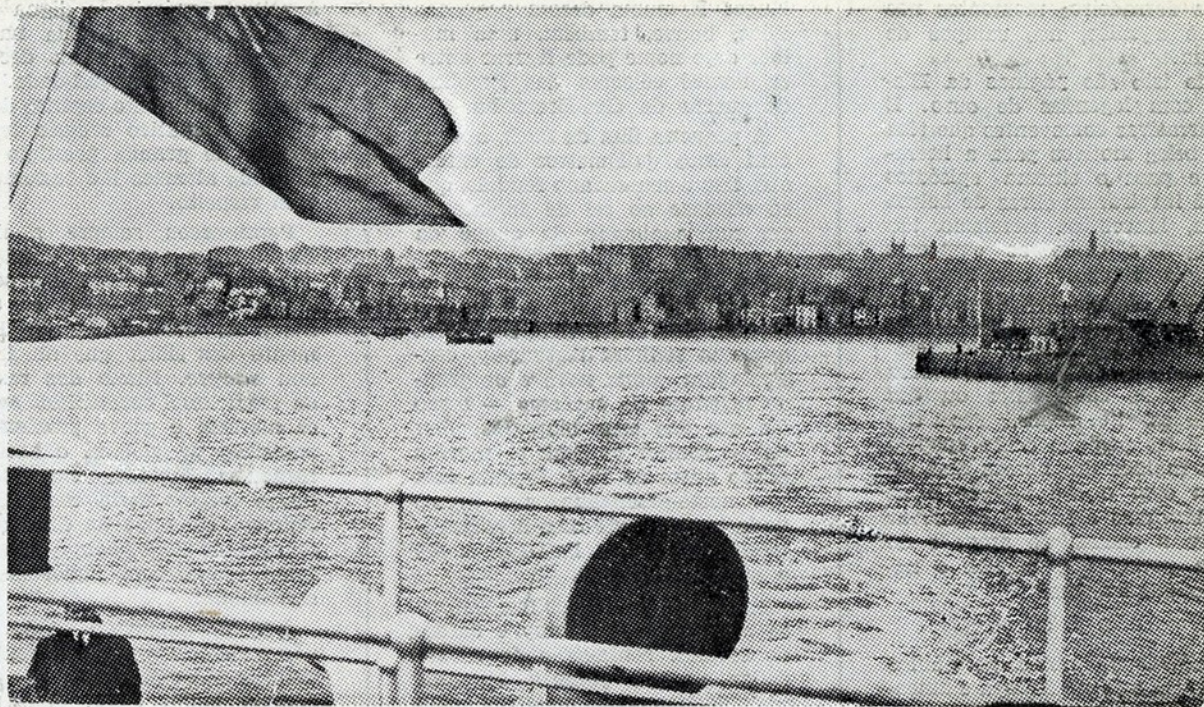
Certamente que a impostora se deve parecer extraordinariamente com a linda vedeta, pois conseguiu enganar, de tal forma os jornalistas que estes perderam a noção das proporções na publicidade feita em volta das suas excentricidades.

A pequena, porém, querendo explorar a fundo as possibilidades que o momento lhe oferecia, de-

cidu levar mais longe a sua audácia. A primeira decisão que tomou foi visitar os luxuosos estabelecimentos da Quinta Avenida, onde adquiriu vestidos e pees caríssimas. Com inaudito descaramento, mandou debitar tudo na conta da linda vedeta.

De nada lhe serviu o que fizera. A sua carreira de impostora acabou nas mãos da Polícia, que se informou do seu paradeiro em virtude de ela ter cometido esta imprudência: dar o nome de Bárbara Stanwyck, no registo do hotel.

A verdadeira Bárbara Stanwyck, quando se instala num hotel de Nova York, nunca se inscreve com o seu nome. Assim se levantou a suspeita no espírito dos agentes, que procederam à captura da impostora.



Uma vista panorâmica de Saint Pierre, na ilha de Guernsey

AS HEROINAS DA GUERRA

Uma poderosa unidade do Exército alemão

AS nações que tomaram parte na última guerra, todas elas têm as suas heroínas — as mulheres que lutaram, com a mesma bravura e o mesmo ideal ao lado dos homens; que ocuparam o lugar dos soldados na batalha contra a fome, a morte e o desânimo; que inspiraram, pelo seu alto exemplo, os mais belos actos de heroísmo e souberam chorar, em silêncio, a perda dos seus filhos.

Algumas dessas mulheres praticaram os maiores sacrifícios para que triunfasse a causa da liberdade; e houve muitas que esmagaram o próprio coração e aniquilaram as suas esperanças, os mais belos sonhos, as aspirações das almas cândidas, para que o homem não fosse vencido nessa luta ingente com as forças tenebrosas do mal.

O Mundo conhece essa epopeia, esse esforço quase sobrehumano, o seu belo triunfo, na guerra mais monstruosa da História; e já foi prestada homenagem condigna de comovedora gratidão a algumas

rendeu-se a uma mulher, cuja atitude ante o invasor manteve sempre vivo o espírito da liberdade e independência nas pequenas ilhas da Mancha

★ ★ Por JAMES RIVERS ★ ★

das heroínas que conquistaram imorredoura celebridade. Nunca o homem, porém, conseguirá saldar a grande dívida para com a mulher que o ajudou a reerguer-se da escravidão e, piedosamente, o acompanhou na dolorosa caminhada, desde os abismos da treva até escalar as luminosas alturas onde pôde contemplar o sol, de frente erguida para os céus — a gratidão de todos os homens que enfrentaram o monstro da guerra pelo esforço heroico e sublime da mulher, a mãe, ou a doce companheira de todas as horas.

No hospital, enquanto as asas negras da morte cobriam a terra

de crepes; no abrigo, durante os pavorosos bombardeamentos das cidades indefesas; nos campos solitários, despovoados de braços hércules para as rudes tarefas; no lar em ruínas; nas fábricas em permanente trepidação; na treva do subsolo; nos barcos perseguidos pelas matilhas de submarinos traiçoeiros; nos avôes cruzando os céus, como deradeira esperança dos que lutavam para não cair na servidão, nas mais longínquas paragens, em terras hostis, onde quer que houvesse chegado a guerra — a mulher esteve presente, ajudou o homem a vencer ou pôde suavizar-

lhe os derradeiros momentos nas atrozias agonias, nos campos de batalha.

Tudo isto são páginas da História com legendas de ouro. E há narrativas comoventes que têm dado belos motivos para a literatura e para o cinema. episódios que já inspiraram obras de beleza eterna, lances de heroísmo tão empolgantes como as empresas dos mais intrépidos cavaleiros da aventura. Mas resta muito que contar, quanto à acção da mulher na guerra, e alguns episódios, mesmo sem a emocionante grandeza dos dramas comoventes ou dos abnegados heroísmos, são das mais belas páginas dessa epopeia que a mulher dos nossos dias escreveu com o seu sangue e as suas lágrimas e não de conservar sempre a chama do amor e da eterna poesia que inspira o heroísmo dos homens.

* *

QUANDO o colosso germânico patia o pé na Europa e ameaçava saltar sobre a Mancha para destruir o último reauto dos latadores nas ilhas britânicas, as bandeiras com a cruz suástica tremulavam, também, nas cinco pequenas ilhas que pertenceram ao Ducado da Normandia e, já desde o século XI, constituem terra inglesa.

Uma dessas ilhas é célebre em todo o Mundo, desde o exílio do grande Victor Hugo. É a famosa ilha de Guernesey. Dali, a uns setenta e cinco quilómetros de Cherburgo, contemplava o imortal escritor a doce terra da França. Foi ali que o grande Hugo escreveu «La légende des siècles», em 1859. E, não querendo voltar à pátria, por mercê da amnistia, para ser livre, foi lá também, no recolhimento de Hauteville-House, escutando o lamento das ondas, que escreveu esse livro eterno, «Os homens do mar», em cujo pórtico refulge a dedicatória que todos os habitantes de Guernesey gravaram no coração: «Dedico este livro ao rochedo de hospitalidade e liberdade, a esse canto da velha terra normanda, onde vive um punhado de valorosos filhos do mar, à ilha de Guernesey, sempre severa e meiga, meu actual asilo, meu túmulo provável».

Quando os alemães invadiram a França, sem lhe aniquilarem a alma, logo dominaram o pequeno arquipélago, de onde olhavam o reduto que nunca haviam de conquistar e essa muralha contra a qual se despedaçavam as loucas ambições nazis, como as vagas a desfazerem-se em espuma — as rochas brancas de Dover...

Os alemães transformaram cada uma das pequenas ilhas em fortaleza erichada de canhões. Mas, em cada uma delas, na alma dos seus habitantes, palpitou sempre, com a mesma esperança a mesma fé inquebrantável, o amor à liberdade, como o sentiu o grande Vitor

Hugo. E, numa dessas pequenas ilhas, houve, também, uma mulher cujo nome pode figurar entre os nomes célebres das heroínas de guerra da Grã-Bretanha.

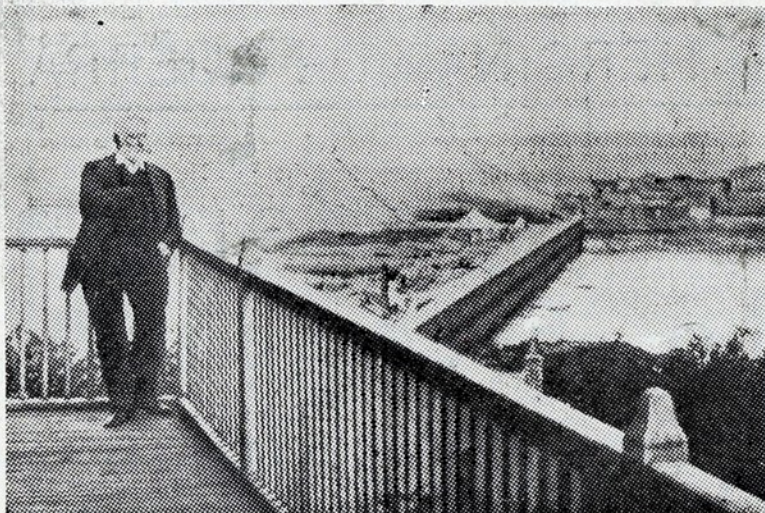
A pequena ilha de Sark, apenas com cinco quilómetros de extensão, tem o seu «tirano feudal», que só obedece ao rei de Inglaterra, na sua qualidade de Duque da Normandia. Sark pertence à família Hathaway há mais de noventa anos e o seu «tirano», o «senhor feudal», é uma simpática dama, a senhora Hathaway, «encantadora, ainda nova e de grande inteireza de carácter — como diz um dos seus biógrafos. Seu pai — senhor de Sark — morreu pouco antes de 1939. Casada com um norte-americano, seu esposo nada tem que ver com a administração da ilha e limita-se a ser o senhor consorte».

«Entre os privilégios que desfruta a senhora Hathaway e datam de séculos, conta-se o de só ela poder possuir pombas brancas. Cada décimo terceiro rego de batatais, campos de trigo e hortas pertencem-lhe, por direito próprio.

à atitude enérgica e digna dessa heroica mulher, a vida naquela ilha em pé de guerra decorreu com relativa tranquilidade. Pela sua coragem e alto espírito de justiça, o simpático «tirano feudal» gozava de grande prestígio e os próprios alemães lhe testemunhavam respeito.

Permaneceu sempre a ilustre dama no seu castelo e não hesitou em aventurar-se aos perigos da travessia para assistir em Guernesey às deliberações do Parlamento das ilhas, que ali funcionou sempre. Numa das reuniões da tradicional assembleia, em que se discutia o grave problema da aquisição de viveres, o ambiente tornou-se bastante carregado e houve mesmo certa exaltação de ânimos. No auge da discussão, a senhora de Sark pediu a palavra e falou assim, com impressionante serenidade:

— Meus senhores: Até agora não podemos, verdadeiramente, lamentar a nossa sorte. Há quem padeça muito mais. Não temos sofrido bombardeamentos, nem quaisquer ataques; comemos bem



Vitor Hugo, fotografado no terraço, quando viveu na ilha de sonho

Além disso é a única pessoa que pode ter automóvel».

Pois a senhora de Sark foi protagonista de uma interessante história da guerra, a «Heroína da Mancha», única mulher a quem se rendeu uma guarnição alemã, quando os Aliados impuseram a capitulação incondicional aos exércitos de Hitler.

Durante a ocupação, Sark foi transformada num poderoso baluarte, cheio de canhões de grosso calibre e peças anti-aéreas. Os alemães estavam constantemente ocupados na vigilância das costas e, além disso, a senhora de Hathaway, que exerceu sempre o seu cargo com activa independência e orgulhoso desdém pelos invasores, impôs-lhes o respeito pela vida e pelos direitos dos súbditos de Sua Majestade britânica, colocados sob sua protecção. Assim, graças

e dormimos tranquilamente. E, depois de um momento de reflexão, com um sorriso cativante e convincente:

— Dai-me licença que vos apontei um conselho: Guardai silêncio!... Que cada um de vós dê a sua opinião quando lha pedirem, mas não discuta com o vizinho, se tem ou não tem razão. E, sobretudo não dê crédito aos boateiros...

O assunto foi resolvido, como convinha, para bem de todos, e, graças à influência do simpático «tirano», reinou sempre harmonia e houve entendimento completo entre os habitantes do arquipélago, que manteve ostensivamente a sua independência, a despeito da presença incómoda dos alemães.

Anunciou-se a rendição da Alemanha e alguns contingentes ingleses de infantaria desembarca-

Assim se domestica um leopardo...



A famosa Maria Montez, no seu próximo filme «Atlantis» fará o papel de uma rainha, que possui um leopardo domesticado. Para que a filmagem corra bem, a vedeta trava relações com o leopardo nos estúdios, afaga-o, oferece-lhe boas almofadas para dormir, dispensa-lhe todas as atenções...

O marfim vegetal ou Jarina

MUITAS pessoas pensam que os objectos de marfim que possuem são fabricados com o material que constitui os dentes dos elefantes.

Parte desses objectos são tallados nas sementes de uma palmeira a «Phytelephas macrocarpa», que vegeta em quase todos os países da América do Sul.

A referida palmeira frutifica três vezes por ano. O fruto é uma «drupa» rugosa e escura, que alberga de uma a quatro sementes. A frutificação inicia-se ao oitavo ano de existência da palmeira.

O fruto solta-se logo que está maduro, o epicarpo apodrece com a humidade do solo, bastando depois retirar a semente do endocarpo.

Como a semente ou jarina é perfeitamente semelhante ao marfim animal, emprega-se, substituindo aquele, em muitos objectos de uso, sendo o seu custo muito mais baixo do que o daquele.

A semelhança entre as duas substâncias é tão perfeita que só pela observação microscópica se podem distinguir, ou então pelo ácido sulfúrico concentrado, que dissolve a jarina e torna gelatinoso o marfim animal.

ram em quatro das ilhas do arquipélago e aprisionaram os invasores. Como de momento não houvesse mais tropas disponíveis e por que o comando britânico confiava na energia e no prestígio da senhora de Sark, a ocupação da ilha foi adiada. Estava lá uma companhia de infantaria alemã, com esquelastas e artilheiros, sob o comando de um major do estado maior. Toda esta tropa ficou, desde logo, às ordens do «tirano feudal».

Entretanto, a senhora de Hathaway dirigiu-se na sua lancha à ilha de Guernesey, onde decorriam as operações para a rendição dos alemães. Afim de conhecer as providências a adoptar nos seus domínios. Em resposta ao telegrama, confirmando a sua lealdade e solicitando instruções, o rei Jorge VI transmitiu-lhe, com efusivas saudações, a honrosa in-

cumbência: «Aceite a rendição incondicional dos alemães, até que cheguem as minhas tropas para tomarem conta dos prisioneiros».

Voltou a senhora de Hathaway ao seu «feudo» e, ao desembarcar na pequena ilha, logo ordenou a comparência do comandante alemão.

Com o mesmo ar superior e digno e a mesma alta indiferença com que sempre havia tratado os invasores, limitou-se a dizer ao arrogante major:

— Coloque-se imediatamente às minhas ordens!... Imediatamente!...

O comandante alemão perfilou-se e respondeu apenas:

— Perfeitamente, minha senhora... Imediatamente!

E foi assim que uma unidade do famoso exército alemão se rendeu a uma mulher — uma heroína da guerra.

“Tailleurs”



LEMBRA a elegância de outros tempos este «tailleur» de «barathea» azul forte, com o seu original «cache-col» de cetim preto. O chapéu, as luvas e os sapatos são de camurça preta.

Modelo da «Brenner Sports», de Londres.



«TAILLEUR», que tanto se presta para a cidade, como para o campo, executado em «tweed» de diagonal amarelo torrado e preto. O casaco é sobreposto e guarnecido com amplas algibeiras. O chapéu, a «écharpe», o cinto e as luvas, são verdes.

Modelo da casa Koupy, de Londres.



«TAILLEUR» de «duvetyne» vermelho, de corte aroso, com saia direita e casaco de «amazona». Feltro guarnecido com um vaporoso e farto véu.

Modelo da casa «Spectator Sports» de Londres



CONJUNTO de três peças, apresentando a confortável elegância dos «tweeds» ingleses. O «tailleur» é de tecido de lã «grenat», o casaco de abaixo em «tweed» Angora «grenat» e «beige».

Modelo da casa Koupy, de Londres.



(Fotos «Harper's Bazaar»)



O QUE ELAS DIZEM... DAS MULHERES

A mulher foi, é, e será sempre apreciada ou depreciada pelo homem sob diversas formas. Uns descem à grossaria, talvez porque as observem mal. Outros lançam-lhe palavras ambíguas de desdém, porque da mulher propriamente dita (!) só conhecem a «parte» volúvel ou caprichosa. Há ainda aqueles das apreciações levianas que dizem «conhecê-las» e as ignoram totalmente. Mas a par desta fauna existem espíritos superiores que para o sexo frágil têm apreciações de veras simpáticas. São algumas dessas, firmadas por grandes homens, que vamos arquivar aqui.

«A mulher aparece em tudo onde possa agradar». «Dupati».

«As mulheres são flores que o amor faz brilhar nos jardins do Universo». «Terêncio».

«O coração da mulher é uma parte dos céus». «Byron».

«Deus criou as mulheres para que os homens crêsem nele por amor delas». «Afonso de Esquiros».

«O que a mulher deseja está escrito no céu». «La Chaussé».

«Todas as mulheres são poetisas pela imaginação, anjos pelo coração e diplomatas pelo espírito». «Manuel Gonzalez».

«A mulher é Deus, porque é adorada». «Legourié».

«Elas» são o nosso primeiro voto, o ídolo do nosso coração». «Boussanelle».

«Elas» são a última ilusão que se perde, a última felicidade que a alma goza, a última paixão que acaba no coração». «Desnoyers».

«Sem as mulheres o homem seria rude, grosseiro, solitário, e ignoraria a graça que é o sorriso do amor». «Chateaubriand».

«A sociedade depende das mulheres: todos os povos que as tem encerradas são insociáveis». «Voltaire».

«A mulher é a obra prima do Universo». «Lessing».

Separados...

...mas bons amigos!

LINDA DARNELL

E O MARIDO

**não pensam em
pedir o divórcio...**

HOLLYWOOD é a cidade dos contrastes e das surpresas sentimentais e, também, das separações «modelo». Uma delas é a da formosíssima vedeta Linda Darnell, que há pouco vimos, numa figura de relevo em «Ana e o rei do Sãõ», e do seu marido, o notável operador Peverell Marley. A despeito de terem resolvido terminar a sua vida conjugal, pelo menos, durante algum tempo, continuam a sair e a frequentar, juntos, os mais elegantes pontos de reunião.

Ambos se mantêm dispostos a seguir, neste capítulo, a estranha tradição de Hollywood de permanecerem «bons amigos», mas cada um com a sua casa. Segundo os seus íntimos, Linda faz as melhores referências de seu marido e nega, terminantemente, que ele, no momento da separação, lhe tenha exigido as peles e as jóias que lhe ofereceu durante o período da sua vida conjugal. Pelo contrário — afirma — foi ela quem se empenhou em lhes devolver, por não julgar decente usá-las, desde que

«As mulheres são anjos que todos procuram». «Pascal».

«O Sol e a mulher têm o império do Mundo». «Dubay».

«As mulheres são a mais bela metade do Mundo». «Rousseau».

«Se a mulher não existisse era necessário inventá-la». «Segur».

«Ela» é um doce e terno mistério que todo o Mundo adora sem conhecer». «Sanial Dubay».

«A mulher é uma divindade de que o amor é o culto». «S».

«A mulher é um mal tão necessário que ninguém pode dispensá-lo». «Goloine».

«O coração da mulher é um abismo de amor». «Saint-Foi».



o não fazia na sua companhia... Linda Darnell não manifesta ter sentido um grande desgosto com a decisão de se separar de Peverell Marley. Talvez que muito tenha contribuído para esse facto a circunstância, verdadeiramente notável, de ter conseguido o mais importante papel da sua carreira artística: a protagonista de «Forever Amber».

Apesar de todos os rumores que correm, Linda e seu marido persistem em não pedir o divórcio. Peverell deve partir, em breve, para as ilhas do Hawaii, a fim de «esquecer». Entretanto, sua esposa, demonstrando uma prudente característica da nova geração de Hollywood, não quer precipitar os acontecimentos... Teme o remorso do seu coração.

Quantas vezes não sucede um amor renascer das suas próprias cinzas!

«Todas as virtudes das mulheres são suas: os seus vícios são nossos; nós ensinamo-los». «Gonzalez».

«Queixamo-nos delas e sempre a elas nos entregamos». «E. Jorg».

E há mais, muitos mais pensamentos bons, acerca dessas figuras de carne que alguns cauniam, desprezam, ou desdenham. Nós, porém, não vamos mais além, pois o que se reproduz u basta para as fazer sorrir envaidecidas...

Este número dê «Ilustração Portuguesa» foi visado pela Comissão de Censura

mais brilho
maior duração



Com
BRILEX